

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR: DIFICULDADES DE LEITURA NO ENSINO SUPERIOR

Ana Paula Rodrigues de Almeida

Pedagogia: Docência e Gestão Educacional

Universidade Estadual do Centro - Oeste do Paraná, UNICENTRO

Campus Santa Cruz

Marcio José de Lima Winchuar

Mestre em Letras

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o processo de leitura com acadêmicos do ensino superior. Traz como problemática as dificuldades de leitura na universidade e suas implicações para a formação profissional. Para esse trabalho foram utilizadas pesquisas em artigos, revistas e livros sobre o tema, também foi realizada uma pesquisa de campo com duas turmas do curso de Pedagogia da Unicentro, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário semiestruturado. Foram pesquisados 31 acadêmicos, indagados a responder algumas perguntas como: Quantos livros haviam lido em um ano; Qual maior dificuldade nas leituras propostas na Universidade; Se consideram a leitura importante no ambiente acadêmico; Conclui o trabalho destacando as dificuldades encontradas pelos estudantes e o papel da universidade na formação de leitores.

Palavras-chave: Processo, leitura, pedagogia, pesquisa, Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

Ao chegar ao Ensino Superior, o estudante percorre um longo caminho, desde a educação infantil até o ensino médio. Mesmo assim, quando insere-se na graduação, muitos possuem, ainda, dificuldades relacionadas à leitura, como a compreensão de textos simples e dificuldades se expressar de forma clara.

A leitura e a escrita são fundamentais para a formação de um acadêmico, principalmente, aqueles em cursos de licenciaturas, até porque são preparados para atuar na educação e esse fator pode influenciar de forma direta na qualidade do ensino básico. O fato de termos números significativos que demonstram que em vestibulares ou em processos seletivos, a maioria dos

estudantes ficam com notas baixas na redação, já aponta que esses alunos saem do ensino médio com uma deficiência em relação à leitura à escrita, expressão, interpretação, criticidade, entre outros.

Já no cenário acadêmico, presenciamos estudantes que não conseguem dialogar em um debate ou seminário, possuem vocabulário inadequado para certas ocasiões, bem como dificuldades de interpretação. Diante disso, surgem alguns questionamentos: por que os acadêmicos têm tantas dificuldades de leitura e escrita no ensino superior? Quais as implicações no contexto do ensino na universidade? O que a universidade faz para amenizar e/ou diminuir as dificuldades de leitura e escrita com acadêmicos de cursos de licenciatura?

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender como ocorrem as práticas de leitura com acadêmicos no Ensino Superior, para isso a pesquisa de análise de dados foi realizada no curso de Licenciatura em Pedagogia em uma universidade do interior do Paraná. Como objetivos específicos, buscamos: identificar as dificuldades dos alunos no processo de leitura na universidade; apresentar concepção de leitura presente no contexto em questão; explicitar práticas de leitura que são realizadas na universidade; identificar programas e projetos de leitura voltados para os acadêmicos desenvolvidos na universidade.

Para fundamentar o trabalho utilizamos Tourinho (2011), Alves (2004), Franco (2012), Pires (2012), Souza (2001), Menegassi (2010), entre outros, também foi realizado um questionário com duas turmas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, ajudando, assim, a compreender melhor o processo de leitura dos acadêmicos.

Para essas discussões, organizamos o trabalho em três seções: a primeira discute a leitura no âmbito da vida escolar; a segunda aborda o impacto da leitura no ensino superior e a terceira apresenta dados produzidos por meio da aplicação de um questionário semiestruturado aos acadêmicos do curso supracitado. Por fim, trazemos as considerações finais.

1. A construção da leitura ao longo da vida escolar: algumas discussões

Atualmente, a leitura e escrita escolar tem nos acompanhado desde o processo de alfabetização. Muitas crianças têm o primeiro contato com livros em casa, outros somente na escola. Isso pode refletir na formação de um sujeito leitor. O contato com as letras, com diversos gêneros, livros é imprescindível na formação de leitores críticos e responsivos. Tourinho (2011 *apud* ZILBERMAM, 1988, p. 56), destaca que,

O processo de formação do leitor está vinculado num primeiro momento à característica física (dimensões matérias) sociais (interação humana) do contexto familiar, isto é, presença de livros, de leitores e situações de leitura que configura um quadro específico de estímulo sócio cultural.

Ao considerarmos o contexto e a interação como essenciais para o processo de formação humana e leitora, destacamos Vigotsky (1988), uma vez que o autor ressalta a importância do meio em que a criança está inserida, a questão familiar e cultural, são fatores que influenciam na formação do sujeito. Nesse caso, o contato prévio com a leitura contribui com a familiarização com as letras, com a leitura de imagens, gestos e de mundo.

Devido a questões sociais, econômicas, políticas e culturais, grande parte das crianças brasileiras têm o primeiro contato com os livros e a leitura somente na escola. Esse primeiro contato, em alguns casos, não ocorre de forma adequada, pois, muitas vezes, quando não é pretexto para o ensino de gramática ou a realização de trabalhos escolares, acaba ocorrendo como um castigo, uma punição por comportamentos inadequados. Isso contribui com a construção de um olhar negativo com relação à leitura. A leitura precisa, na escola, atuar como instrumento de fruição e aprendizagem, instigando a imaginação, já que a leitura produz sentidos múltiplos, é interação e diálogo entre sujeitos e textos (MENEGASSI, 2010).

A escola tem um papel fundamental, pois se o educando não tem contato com a leitura no ambiente familiar é na escola que se dará esse momento. Vivências significativas relacionadas ao processo de leitura

consolida-a como algo prazeroso em sua vida. Segundo Menegassi (2010, p. 35), na escola

[...] os alunos encontram uma diversidade de leituras que não são as mesmas que encontram na família e com amigos. Começa aí um entrave perigoso. A escola deseja que o aluno leia determinados textos que não são de interesse do leitor em formação. Praticamente, ela obriga a ler textos de dois, três até quatro séculos passados, que apresentam temáticas e estilos de linguagem muito distante da realidade atual.

A cada etapa da educação as leituras se tornam mais complexas, e a exigência é maior, o estudante que não tem a opção de decidir o que irá ler, deve-se levar em conta de que forma são feitas essas leituras e como são passadas para esse aluno, como ele a recebe.

Menegassi (2010) destaca a necessidade de trabalhar os clássicos da literatura, desde que sejam explorados em sala de aula, lidos como práticas de leitura de interesse próprio dos alunos, visando a formação de leitores competentes, de forma interativa, dialógica e contextualizada, não como algo solto.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (BRASIL, 1997, p.54),

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para aborda-los de forma a atender essa necessidade.

O leitor crítico consegue discernir suas leituras, mas como afirma Menegassi (2010, p.37), “O que se observa, na verdade, é que a escola ainda insiste na formação do leitor, não no seu desenvolvimento como leitor crítico.” A Educação, no Brasil, encontra-se defasada por vários motivos, entre eles, destacamos a falta de formação continuada e a infraestrutura necessária para o trabalho docente. Nesse sentido, os sujeitos que estão submissos a esse processo, principalmente os educandos, muitas vezes, não conseguem atingir um pensamento reflexivo, uma compreensão de sociedade e muito menos realizar uma leitura com discernimento.

Nessa conjuntura, infelizmente, muitos estudantes chegam à universidade com dificuldades relacionadas a leitura que os assombram. Quando um professor pede uma resenha a partir de uma leitura complexa, passa-se horas lendo e, mesmo assim, o estudante não comprehende. Talvez, isso seja o reflexo de uma educação básica com falhas e, para suprir essas necessidades, é preciso, além da tomada de consciência, a corrida contra o tempo e a busca por novas leituras.

Tourinho (2011) afirma que os alunos no ensino superior devem estar comprometidos, pois leituras mais complexas começam a fazer parte de seu cotidiano. Para o autor, tanto professores quanto instituições acadêmicas, de forma geral, podem contribuir com o desenvolvimento do estudante, pois muitas vezes, os acadêmicos precisam de um auxílio ou incentivo para se adaptar às novas exigências, enriquecendo sua formação, desenvolvendo as capacidades necessárias para um profissional de qualidade.

Como diz Tourinho (2011, p.339)

O pouco hábito de leitura apresenta reflexos consideráveis na escrita, e consequentemente, na fala mais monitorada. É comum observarmos alunos com vocabulário restrito, temerosos de apresentar argumentos e raciocínios em um debate ou seminário, até mesmo diante de seus outros colegas, o que é extremamente preocupante no Ensino Superior, quando é preciso estar com linguagem mais adequada.

Para Alves (2004, p.3 *apud* WITTER, 1979), existe um ciclo vicioso. Os professores dos anos iniciais culpam a família por não ajudarem no processo de letramento, os dos anos seguintes culpam os anteriores, até chegar na universidade, em que os professores acusam os educadores do ensino médio, que eles mesmos os formaram.

A instituição deve auxiliar o aluno, principalmente no ensino superior, pois tem uma característica diferente da educação básica, com projetos de incentivo a pesquisa, a extensão, como pilares que sustentam o ensino na universidade, fato que também ajuda o estudante a adquirir maturidade e consciência crítica.

O Estado, por meio da universidade ou da escola, tem o dever de oferecer uma educação de qualidade, mas isso não quer dizer apenas oferecer vagas, mas sim proporcionar a qualidade do ensino, condições de trabalho aos professores e demais, viabilidade de projetos de incentivo ao estudo, entre outros, principalmente, em um cenário de desigualdades sociais que fazem parte do contexto brasileiro.

Além de questões relacionadas à precariedade da educação básica, destacamos a falta de maturidade de alguns estudantes tanto do ensino básico quanto do ensino superior, fato que contribui com a persistência de algumas dificuldades. Alves (2004) realizou uma pesquisa com os alunos de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, em que foram feitas perguntas relacionadas à leitura, considerando se tinham o hábito de ler, por que liam, que tipo de leitura faziam, entre outras questões. Ao fim da investigação, o autor constatou que os alunos são imaturos ao que se espera na universidade de um leitor crítico e apto ao nível linguagem científico-acadêmica. Como relata Alves (2004, p.7)

A leitura dos universitários se dá como se fosse um trabalho de garimpo. Eles tentam encontrar aqui a acolá alguns pontos específicos para realizar uma pesquisa sem se comprometer com outras leituras. Os universitários não estão chegando à Universidade como leitores plenamente desenvolvidos.

Os estudantes buscam formas de facilitar a leitura para não ter que ler um texto todo; procuram só os pontos que os importam e, assim, deixam até de entender e compreender o contexto da leitura. Além da imaturidade acadêmica, destacamos que essa prática pode ser o reflexo do não desenvolvimento da leitura enquanto fruição. Em uma de suas questões Alves (2004) pergunta por qual motivo vocês leem? A maioria (69%) respondeu que é para aprimorar seus conhecimentos gerais, 17% leem para melhorar sua formação profissional, 4% para trabalhos da faculdade, apenas 4% dizem ler por prazer. Percebemos que os alunos só leem se tiver alguma finalidade ou objetivo

“escolarizado”, pois quando lhe foi perguntado por divertimento apenas 4% disse ter essa prática e 6% por outros motivos.

Como fala Franco *et al* (2012, p.795)

[...] entretanto, é preciso analisar a qual (is) texto (s) esse aluno está acostumado. Em geral, nem sempre são textos que exigem maior esforço do leitor para compreensão, estão sempre e, nível de superficialidade, apenas do informativo, como é a linguagem jornalística dos sites e dos blogs da internet.

Os estudantes chegam à graduação com pouca instrução relacionada à leitura. Com isso, não se demonstram dispostos a fazer leituras mais complexas, já que estão sempre procurando uma forma de facilitar a leitura, por exemplo: se o professor solicita a leitura de um livro, procuram resenhas, artigos e documentários, para não precisar ler, como diz Franco *et al* (2012, *apud* REZENDE, 2007, p.34) “[...] vivenciam, via de regra, na trajetória acadêmica, no máximo, a submissão às leituras solicitadas no curso (nem tudo que é solicitado pelos professores é lido).”

Os professores das universidades também estão tentando adaptar essas leituras, como já esperam que o aluno não vá ler, levam leituras menores, como os artigos, ou apenas um texto mais básico. A tecnologia tem se expandido em toda vida, seja acadêmica, pessoal ou profissional. Conforme Franco *et al* (2011) é comum vermos cada vez mais leituras enviadas pelos educadores pela internet e os estudantes, em sala de aula, optam, muitas vezes, por realizar as leituras nos celulares, *tablets*, *notebook*, entre outros.

Para Pires (2012 *apud* CARVALHO *et al*, 2006, p.20) “[...] o ser humano precisa realizar leituras diversificadas e de qualidade para sobreviver na era da globalização. O mais importante é saber selecionar as leituras evitando a sobre carga informacional”. Projetos de incentivo a leitura podem ajudar ao leitor a classificar o que lê, tendo a consciência que alguns textos não acrescentarão em seu conhecimento intelectual.

Vivemos em um mundo tecnológico em que a informação está sempre por perto. Se tivermos dúvida em algo, logo pesquisamos e descobrimos, então é comum que os jovens leiam artigos de blogs e sites, o que não deixa de ser

uma leitura, mas nem sempre é aquela de qualidade que enriquecerá seu vocabulário e conhecimento.

Pires (2012 *apud* BARBOSA, 2009, p. 39 e 40) afirma que

Não basta ter apenas acesso a essas tecnologias ou a outros suportes, é fundamental que o indivíduo também estimule a prática de leitura, para se ter uma melhor compreensão daquilo que está lendo, caso contrário a informação não cumpre sua função. Aquele que não tem a prática da leitura encontra dificuldade em entender, compreender e aprender.

No ensino superior, os acadêmicos precisam de uma formação científica, independente da área do curso, pois nesse momento existe uma exigência maior, diferente da fase anterior do ensino básico, que estudam várias disciplinas com enfoques diversificados. Agora, os acadêmicos devem focar na área que escolheram e aprofundar seus conhecimentos, por isso, recebem muitas leituras de livros e outros textos solicitados pelos professores. Além disso, é por meio da leitura que se pode construir uma visão do mundo mais crítica e uma opinião fora do senso comum. Para quebrar paradigmas, o professor universitário precisa ter uma sensibilidade para compreender o processo de formação do educando até o momento, pois a cultura leitora do ensino básico é diferente daquela do ensino superior.

Souza (2001, p.114) destaca que

No complexo mundo do conhecimento, a leitura não é fonte, mas é caminho; é meio; é ação que se pratica quando já se sabe muito, e não é ponto de partida para o saber. Por isso a sensação prazerosa de estar aprendendo. O que sentimos é um olhar que se alarga sobre as coisas e uma reflexão sobre o mundo que acontece naturalmente, incorporada a nós.

A leitura é o primeiro passo para compreensão do mundo, tanto escolar como pessoal, pois a partir dela o sujeito obtém a escrita, expressa-se, reflete, amplia seu vocabulário, entre outras capacidades que podem ser desenvolvidas.

1.1. O impacto da leitura no ensino superior

A leitura deve fazer com que o sujeito compreenda o mundo, e que tenha a capacidade de selecionar aquilo que lê conforme sua necessidade.

Nesse sentido, o ato de ler não implica somente em decodificar palavras, mas vai além, deve saber selecionar, organizar, assimilar, construir conceitos, entre outras formas de interpretação.

O professor deve propiciar momentos de aprendizagem aos alunos, não só no ensino básico, mas também no ensino superior, nesse sentido relata Tourinho (2011, p.343)

Por isso, faz-se mister que os professores das instituições de Ensino Superior tenham a consciência do potencial transformador de cada uma de suas disciplinas para que, através delas, se possa vislumbrar o leque de possibilidades necessário para que seus alunos sejam os principais agentes do processo de leitura, interpretação e ação social, colocando-os na condição de prolongamento de ideias do autor, numa perfeita sintonia, fazendo da leitura um fato argumentativo e sincrônico.

A leitura desperta várias habilidades nos estudantes que, por meio dela, melhoram seus vocabulários, reflexões, criticidades, conceitos, criatividade, imaginação, escrita, enfim, são múltiplos os seus benefícios. Tourinho (2011, p. 343) destaca a necessidade de dialogar e interagir acerca dos textos, buscando formas de atingir a todos os acadêmicos, fato que “não trata de corrigir os erros da formação básica dos alunos e sim de represar uma situação calamitosa, evitando que tal fluxo continue, que sejam reproduzidos os males nos novos profissionais em relação ao ato de ler.”

Então, nesse contexto, surge uma dúvida: como fazer com que o aluno adquira o gosto pela leitura? Molina (2013, p.107) menciona que “ensina bem quem tem paixão por aquilo que faz. Ninguém conseguirá convencer um aluno da importância da leitura, se não acreditar verdadeiramente nisso.” Por isso, essa prática deve ser algo motivador que desperte o interesse dos educandos, mas se o próprio professor não tem o gosto pela leitura seus alunos também não terão.

Molina (2013) fala sobre o trabalho do professor. A autora relata que nosso papel pauta-se em guiar ou mediar às práticas. Para que isso ocorra da melhor maneira possível e adequada, é fundamental o educador questionar, refletir acerca de o que foi lido, visando envolver os estudantes na leitura,

levantando opiniões desses para cativar e dar oportunidade de compartilhar sua experiência ao ler determinado texto ou livro, mas para isso ocorrer o professor deve considerar o conhecimento prévio dos alunos e levar em conta seu meio, suas características e suas dificuldades.

Molina (2013, p.108) enfatiza a necessidade de considerar as relações entre

Autor-texto-leitor: o primeiro pressupõe o que sabe seu leitor, que conhecimentos traz, que expectativas devem ser atendidas. O texto deixa de ser produto para ser meio, local onde os sentidos vão sendo emanados a partir das construções do leitor, que, por sua vez, atua efetivamente no processo, deixando aquela posição passiva a si atribuída anteriormente.

Esse processo que Molina (2013) fala, está ligado diretamente ao leitor, o professor solicita a leitura, mas ele não sabe de que forma o aluno vai interpretá-la, qual será sua compreensão e conclusões sobre o que leu. Nesse momento é que destacamos a importância de discussões em sala, tanto para que o educador observe o que o estudante comprehendeu, quanto para aluno se expressar, debater e construir seu conhecimento.

O livro é um dos meios em que a leitura se faz presente. Bortolanza (2011) realizou uma pesquisa com os acadêmicos do curso de Pedagogia em Minas Gerais e em São Paulo, sendo 56 participantes. Em uma de suas questões, a autora pergunta sobre a frequência de leitura dos alunos, e eles responderam:

A leitura de um livro por semana foi apontada por 3 sujeitos, leem um livro por quinzena 12, a leitura de 1 livro por mês foi assinalada por 20 sujeitos, a leitura de um livro por semestre (14 sujeitos) e a leitura de 1 livro por ano (3 sujeitos). Ao serem indagados quantos livros haviam lido em 2011, (ano da pesquisa), 16 sujeitos indicam 1 livro, 10 sujeitos declararam ter lido 3 livros, 8 sujeitos responderam que leram 2 livros, 4 sujeitos registraram a leitura de 5 livros, contudo, 6 sujeitos afirmaram não ter lido nenhum livro (BORTOLANZA, 2011, p. 140).

Pode-se perceber que os acadêmicos não foram coerentes em suas respostas, pois quando foram indagados à pergunta de quantos livros haviam lido no ano da pesquisa, não foi contundente com a afirmação anterior.

Outro ponto que chamou a atenção na pesquisa de Bortolanza (2011) foi quando os estudantes foram questionados sobre a leitura em família, 51 estudantes apontaram não ter leituras conjuntas e os outros 5 dizem ler livros religiosos como a bíblia. O convívio e a representação familiar são imprescindíveis no processo de aprendizagem, tal como Tourinho (2011) menciona.

Em outra pesquisa realizada por Duarte *et al* (2012) na Universidade Estadual do Ceará, com os estudantes de Pedagogia, os autores analisaram discursos de 29 alunos do curso, relacionados compreensão sobre o ato de ler. Em uma das perguntas, questionava-se acerca do motivo em que liam. Apenas 5% dos estudantes disseram ler para melhorar a expressão oral e escrita. Sabemos que através do hábito de ler, enriquecemos o vocabulário, o que acaba favorecendo na fala e diante das respostas questionamo-nos: como os alunos pretendem melhorar suas expressões se não for pela leitura?

Ainda nessa pesquisa de Duarte *et al* (2012), somente 10% dos estudantes dizem que os textos solicitados no curso servem para agregar na formação profissional. O descaso dos acadêmicos com as leituras é grande, mas o que fez com que pensassem dessa forma e como chegaram a essa conclusão durante a formação, é um processo longo e extenso, uma vez que o aluno percorre sua infância, adolescência e fase a adulta no ambiente educacional. Além disso, outros problemas pontuais e de ordem específica podem estar relacionados a esta questão e a pesquisa realizada.

Duarte *et al* (2012, p.106), destacam que “[...] somente 24% dos alunos de Pedagogia leem textos diariamente, 14% o fazem na véspera de avaliações, seminários etc. e outros 14% os leem 1 vez por semana.” São declarações que nos fazem pensar, como foi construído o conceito de leitura nesses alunos, como pretender se tornar professores com pouco hábito de ler, são indagações que nos perpassam e faz refletir sobre a educação no mundo atual.

O professor assume um papel muito importante para despertar esse estímulo e gosto à leitura, segundo Santos (s/d, p.79)

[...] se o aluno ainda não desenvolveu as habilidades necessárias e não sabe utilizar estratégias para compreensão de textos, o professor deve criar oportunidades em sala de aula para que isso ocorra. O professor tem um papel determinante na formação e no desenvolvimento das habilidades e competências que os alunos ainda não adquiriram. Deve criar situações para despertar a curiosidade, desenvolver autonomia, deve enfim, criar as condições necessárias para a formação de um leitor proficiente.

Mesmo defendendo o papel fundamental do professor neste processo, sabemos que muitos não possuem condições para realizar suas atividades de forma adequada, já que o Estado falha na formação docente, no apoio pedagógico, na falta de materiais e infraestrutura, no número elevado de alunos e carga horária máxima em sala de aula, mesmo no ensino superior. Nesse sentido, é preciso pensar em outras possibilidades para contribuir com o suprimento das dificuldades de leitura com acadêmicos. Colocar todo o trabalho ao professor em sala de aula acaba sendo uma proposta insustentável.

2.Análise de dados

A pesquisa de campo foi realizada com acadêmicos do curso de Pedagogia da UNICENTRO, matriculados no 3º e 4º ano do período matutino. Para preservar a identidade dos participantes, quando citarmos algum dos discursos nomearemos a partir das letras do alfabeto. Destacamos que 31 acadêmicos participaram, desses sendo 30 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Dos estudantes investigados, a maioria advém do ensino público e possuem variações idade, sendo elas de menos de 20 anos até 50 anos de idade.

2.1. A percepção dos acadêmicos de Pedagogia

Durante a pesquisa, os acadêmicos responderam a algumas perguntas relacionadas à leitura e suas especificidades. Entre elas, destacamos:

- Para você, o que é leitura?

Os participantes atribuíram significações positivas à leitura, entre elas, destacamos algumas das respostas. O participante A respondeu que a leitura para ele é “Algo prazeroso que nos leva para outros lugares”. Nesse caso, percebemos que a leitura enquanto fruição se manifesta. O participante B relata que “a leitura é a decodificação do mundo”, fato que nos remete a uma questão mais engessada, tendo em vista que a leitura pode ir além do que foi mencionado. Além de decodificar, a leitura pode ser interação, diálogo, produção de sentidos.

- Você acredita que a leitura seja importante no ambiente acadêmico?
Justifique.

O participante A respondeu “Sim, pois por meio da leitura nos aperfeiçoamos a escrita, melhora nosso vocabulário, a leitura é uma fonte de conhecimento”. Destacamos o conhecimento da importância da leitura no processo de ampliação do vocabulário e de ir além do senso comum. O participante B destaca que “Sim, pois muitos chegam das escolas sem uma boa leitura e interpretação de texto, é na universidade que ‘aprendemos’ esse processo”. Quando o participante B fala que é na graduação que aprendemos esse processo, destacamos o papel da universidade e o fato de o acadêmico esperar dela muito mais que o ensino de conteúdos. Os acadêmicos veem na universidade um espaço de aprimoramento daquilo que não conseguirem desenvolver na educação básica.

- Quantos livros você leu nos últimos 12 meses?
() 1 a 2 livros () 3 a 4 livros () 4 ou mais livros () Nenhum

Quinze estudantes responderam de 3 a 4 livros, dez de 1 a 2 , três 4 ou mais e três nenhum livro. O comprometimento dos acadêmicos com o estudo é imprescindível para sua carreira e quando nos deparamos com estudantes que dizem que, em um ano, não leram nenhum livro, é uma situação problemática, pois em um curso de graduação, normalmente, os professores solicitam muitas leituras, mas a leitura efetiva está relacionada à maturidade de cada estudante.

Para Alves (2004, p.12) para a formação do leitor “[...] seria necessário que esse leitor não restringisse sua leitura apenas aos textos do Curso,

condicionando sua prática as necessidades de sua formação”, mas se os alunos não leem o que é solicitado, dificilmente irão ler outro tipo de leitura.

-Quais suas principais dificuldades com relação à leitura na universidade?

Tivemos respostas como, “a linguagem dos textos”, “os textos científicos”, “a falta de tempo”, “acúmulo de tarefas”. O ensino superior exige um pouco mais dos estudantes. Segundo Alves (2004, p.14) “No ensino superior, a leitura precisa ser crítica e desvelar as significações do texto. É preciso inserir o texto no contexto, situá-lo nas circunstâncias de múltiplas configurações históricas, culturais e ideológicas.”

-Conhece algum projeto de leitura desenvolvido na Universidade?

Muitos responderam que sim e citaram os projetos como “ler, brincar e contar histórias”, “a arte de ler”, “livro livre”, mas na pergunta seguinte que, se já havia participado de algum projeto envolvendo a leitura, apenas dois acadêmicos disseram ter participado. Portanto, a universidade está oferecendo, mesmo de forma minimalista, projetos relacionados a leitura, mas a maioria dos alunos não se envolvem, os motivos podem ser vários, talvez decorrentes da falta de tempo, conforme mencionado, ou pode ser falta de vontade de participar.

-Em sua opinião, a Universidade contribui com a sua formação enquanto leitor?

A maioria dos estudantes respondeu que sim, pois ao começarem a graduação, relatam que, passaram a ler muito mais, ter contato com leituras científicas, pelo acesso da universidade aos livros, pois possui uma biblioteca com opções literárias. Alguns comentaram que o contato maior se dá com leituras não prazerosas, por conta de uma linguagem mais complexa e difícil, pois como citado acima o ensino superior traz uma linguagem mais crítica e científica.

CONCLUSÃO

Após finalizar a pesquisa ficou evidente que a formação de um leitor se dá no decorrer de sua vida, desde sua infância até a velhice. O primeiro

contato da criança é com a família e as pessoas que convive. Elas são de grande influência nessa questão, pois quando se tem o apoio e o incentivo em casa, certamente, não será um desafio ou algo fora do comum no ambiente escolar.

Porém, devemos considerar que nem todos os educandos terão esse contato antes, pois, como pesquisado, a maioria “conhece as letras” por meio da instituição escolar. Assim, os professores têm um papel fundamental na construção desse leitor, na maneira que será abordada essa leitura, quais formas trabalharão, entre outras.

Com relação à leitura no ambiente acadêmico, a análise de dados trouxe muitas informações para o trabalho, pois a partir dela fica evidenciado a opinião dos estudantes com relação à leitura no ensino superior, dando ênfase no que foi discutindo durante a pesquisa. Quando foram questionados em algumas as respostas foram uma surpresa, como a questão dos projetos de leitura, onde apenas dois disseram ter participado, mas porque os estudantes não procuram esses projetos, já que é unânime o fato de considerarem a leitura importante no ambiente acadêmico? Talvez essa seja uma questão que abre possibilidade para novas pesquisas e investigações nesse meio, tendo em vista o caráter exploratório dessa pesquisa.

A universidade deveria investir mais em projetos de leitura, principalmente, nos primeiros anos, pois é o momento em que os alunos estão se adaptando ao curso e muitos sentem as defasagens da educação básica. Essa é uma das possibilidades, mas não é só por meio desses projetos que podemos solucionar esse problema, como as respostas dos acadêmicos a falta de tempo e a de vontade, e outras explicações, implicariam na hora de participar de projetos.

Com o passar dos anos fica mais difícil, por conta dos estágios, relatórios e textos mais complexos e seria de suma importância que os estudantes possuíssem hábitos de leitura, o que ajudaria em seus trabalhos universitários. Projetos relacionados à leitura podem ser uma forma de acolher os acadêmicos, estando mais envolvidos com ambiente universitário, mais

próximos dos professores, o que já é um passo para desenvolver suas capacidades leitoras.

As dificuldades decorrem de vários motivos, principalmente, a formação anterior, que não os capacitou de forma integral, como um dos empecilhos para a realização das leituras. Considerar que a educação básica e a família são de grande influência para formar esses leitores, capazes discernir e compreender a leitura como um todo e não fragmento é importante, entretanto, o papel da universidade nesse processo é outro, refere-se ao comprometimento da instituição no processo de formação de profissionais qualificados. Nesse sentido, destacamos que as discussões não terminam aqui, mas abrem possibilidades para novas diálogos e pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Laura Maria. **Leitura e Universidade:** Comportamento de Leitura na Formação do Pedagogo da UFPa. Belém: UFPa, 2004. Monografia. Educação.
- BORTOLANZA, Ana Maria. **Leitores e Formação Leitora na Universidade.** Uberaba: Universidade de Uberaba, 2011. Monografia. Pós-doutorado.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa. 1^a A4^a séries. v. 2, Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- DUARTE Antonio; PINHEIRO Regina; ARAÚJO Julio. A leitura Acadêmica na Formação Docente: Dificuldades e Possibilidades. **Letras.** V. 1/2, N° 31, p. 102-108, 2012.
- FRANCO Sandra; REZENDE, Lucinea; SILVA, Rovilson. **Leitura na Universidade:** Do Papel Impresso ao Virtual. Londrina: Universidade Estadual Londrina (UEL), 2012. p. 787-796.
- MOLINA, Márcia A.G. Leitura e Leitura na Universidade. **Lumen Et Virtus.** v. IV, n°9, p. 102-113, 2013. Disponível em: <http://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero_9/PDF/LEITURA%20E%20LEITURA%20NA%20UNIVERSIDADE.pdf>. Acesso em: 11/05/18.
- MENEGASSI, Renilson José. **Leitura e Ensino.** 2.ed. Maringá: Eduem, 2010a.
- _____. O leitor e Processo de Leitura. In: GRECO Eliana; GUIMARÃES Tânia. **Leitura: Aspectos Teóricos e Práticos.** Maringá: Eduem, 2010b.
- PIRES, Erik André. A Importância do Hábito da Leitura na Universidade. **ACB: Biblioteconomia.** Santa Catarina, Florianópolis, v.17, n.2, p. 365-381,2012.

SOUZA, Janete Terezinha. A Leitura na Universidade: O que diz o aluno?. **Contrapontos**. Itajaí, n.3, p. 109-117, 2001.

SANTOS, Silmara. **A Importância da Leitura no Ensino Superior**. Campinas: PUCCAMP, p. 76-83.

TOURINHO, Cleber. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “Deficiência” ou simples falta de hábito? **Lugares de Educação**, Bananeiras/PB: v.1.n.2, p.352-346.2011.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.